

resenha

tríade
comunicação, cultura e mídia

Jornalismo Literário: do DNA às possibilidades

Leila Gapy

Mestranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba – Uniso. Especialista em Jornalismo Literário na Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL/SP) pela Faculdade Vicentina - FAVI/PR. Contato com a autora: leila.gapy@hotmail.com.



Lançado há menos de um ano, em agosto de 2016, *Jornalismo Literário – Tradição e Inovação*, o Volume 10 da prestigiada Série *Jornalismo a Rigor* da editora Insular, é um livro que está para os leitores como um botão de flor para a primavera, a desabrochar. Não surpreenderá, aos atentos às novidades do Jornalismo Literário (JL) e que já tiveram a oportunidade de lê-lo, se o livro tornar-se referência, tanto aos que estudam quanto aos adeptos da modalidade JL.

Neste sentido, esta resenha pincela o livro que por fim mostrará ao leitor o JL com uma jornada digna de um herói (ou heroína), mas dividido pela própria autora em quatro partes essenciais: 1) História, Conceito e Filosofia, com dois capítulos; 2) Potencialidades do Gênero, com seis textos; 3) A Presença nas Mídias, com sete capítulos; e 4) Experimentações e Possíveis Inovações, com quatro textos. Todos eles artigos científicos, inicialmente publicados em revistas científicas brasileiras, mas atualizados.

Trata-se de uma compilação minuciosa dos resultados mais importantes dos trabalhos e pesquisas de Monica Martinez nos últimos 25 anos de atuação. Num certo sentido, a obra é um livro-reportagem exatamente ao estilo JL. Isso porque pode vir a ser chamada, e utilizada, como manual da modalidade, se não, ousada e respeitosamente, como a próxima “Bíblia” do Jornalismo Literário nacional.

É preciso antes explicar que, a ousadia no apelido à obra está estritamente ligada à jornada da modalidade no Brasil. Sim, pode não parecer, mas como a própria autora detalha, o JL nasceu muito antes dos anos 1960, quando ganhou evidência e um primeiro nome, o Novo Jornalismo, a partir de feitos dos jornalistas-escritores estadunidenses como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese.

Na verdade, estes já se inspiravam, conforme Norman Sims (1995), em autores do século XVII, como Daniel Defoe e Honoré de Balzac. Os quais, por sua vez, também tinham suas inspirações. O que nos leva a pensar, conforme a autora aponta, que o JL está associado ao surgimento da civilização ou, ao menos, à aurora do jornalismo. Além disso, depois do *boom* tecnológico nos anos 1970 e do surgimento da escrita curta e virtual, o fato da modalidade ressurgir nos anos 2000 indica que o próprio JL já tem história de resistência para contar. Até porque, segundo a autora, é possível fazer narrativas jornalísticas curtas com a densidade de um haicai, poema japonês que traz um universo de possibilidades em 17 sílabas.

Nestas partes, Martinez faz uma arqueologia, não só do Jornalismo Literário, como também de outros segmentos da escrita, do pensamento teórico e de outras ciências aos obituários como narrativas biográficas. Relata a fundo sua investigação desde os primórdios da humanidade até a história dos diferentes meios de comunicação, assim como os perfis dos autores pontuados. Mas Martinez não se atém ao passado.

Como exímia jornalista literária, pesquisadora, com faro apurado e experiência na principal característica dos adeptos do JL, a da escrita carpinteira, ela também desnuda as receitas de um bom e vivo jornalismo, como quando propõe um capítulo inteiro sobre a importância dos adeptos em serem bons ouvintes, além de observadores.

Assim como propõe também alternativas inovadoras de áreas de exploração e expansão

para os futuros profissionais e pesquisadores, estudando e reportando experiências positivas da modalidade nos meios sonoros (rádios), audiovisuais (televisão) e digital (internet). Lembrando sempre da importância da psicologia para as narrativas vivas e transformadoras, que têm, conforme o JL norteado por Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas Ampliadas: o Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura* (2009), o personagem como centro do texto literário.

Propondo, por fim, não só um nicho de mercado da modalidade diante da ponte entre Internet e idosos, por meio do método da Biografia Humana, mas a do ser humano sábio que emerge nesta década necessitando, mais do que tudo, de comunicação afetiva e empática como justamente o Jornalismo Literário é e pode oferecer.

Como se não bastasse, além do resumo conceitual e pessoal proposto no posfácio, a obra ainda conta com uma delicadeza extra da autora que, além de esmiuçar as citações, verbetes e bibliografia, lista e comenta as principais obras teóricas e de referências no gênero até os dias atuais.

Chamar o livro de “superaula” seria desmerecer sua potência e sua concepção. Logo, referir-se a ele como manual ou “Bíblia”, com todo o respeito do trocadilho, não é exagero. Em breve mencionarão a obra como leitura obrigatória, não só aos comunicólogos e/ou jornalistas, como também para os demais profissionais interessados em entender como essa forma de observação, compreensão e relato da realidade se faz tão importante para a humanidade.

Referências

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas** - O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário** – Tradição e Inovação. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

KRAMER, Mark; SIMS, Norman (Orgs.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995.

